

DOI: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-8034.2013v15n1-2p373>

REZENDE, Claudia Barcellos; COELHO, Maria Claudia. *Antropologia das emoções*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010. 136p.

Waleska de Araújo Aureliano

Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro

E-mail: waureliano26@yahoo.com.br

Como elementos que fazem parte das interações sociais, as emoções estiveram presentes nas análises de autores fundantes da sociologia e da antropologia como Émile Durkheim, Georg Simmel e Marcel Mauss. No entanto, foi apenas nas últimas décadas do século XX que a categoria adquiriu representatividade como objeto específico de análise das ciências sociais, colocando em questão abordagens psicobiológicas que tomavam as emoções como algo íntimo, privado e subjetivo, em oposição aos fenômenos considerados da ordem do social.

O livro de Claudia Rezende e Maria Claudia Coelho nos proporciona uma imersão na temática das emoções e sua análise antropológica. Sua linguagem didática e objetiva é um convite para diversos tipos de leitores e não apenas para os cientistas sociais. As autoras apresentam um panorama do desenvolvimento da antropologia das emoções no conjunto das ciências sociais, analisando as perspectivas teórico-metodológicas que constituíram esse campo e suas atualizações. Nesse sentido, a obra dialoga com outra publicação que a antecede, o livro *Emoções, Sociedade e Cultura*, de Mauro Koury (2009), que faz empreendimento semelhante ao discutir as emoções como objeto de investigação da sociologia. As duas obras, no entanto, possuem suas particularidades e são complementares para os interessados em ampliar suas referências sobre o estatuto das emoções nas ciências sociais.

O livro é composto por quatro capítulos. No primeiro, intitulado *Emoções: biológicas ou culturais?*, as autoras partem de uma apresentação

do modo como os sentimentos são percebidos na cultura ocidental moderna e como eles aparecem em outras épocas e culturas. A intenção é colocar em questão a ideia de que as emoções são provocadas por mecanismos biológicos comuns aos humanos, sendo, portanto, universais. Ao contrário, a análise social nos mostra que as emoções são marcadas por contextos socioculturais e históricos particulares.

Primeiramente, as autoras apresentam as formulações que fazem parte daquilo que Catherine Lutz denominou “etnopsicologia ocidental moderna”, o nosso modo de conceituar e compreender os estados emocionais. Tendo por base o discurso médico-científico, essa etnopsicologia entende a capacidade de sentir emoções como resultado do equipamento biológico e psicológico inerente aos seres humanos, sendo, portanto, uma capacidade universal e invariável no tempo e no espaço. Os hormônios e a química por trás do funcionamento do cérebro são aqui apresentados como elementos corporais provocadores dos estados emocionais, o que explicaria, por exemplo, as possíveis diferenças emotivas entre homens e mulheres. Nesse modelo, a pessoa seria constituída por uma oposição fundamental entre corpo e mente, ambos articulados na pessoa, mas passíveis de serem analisados separadamente. A mente seria ainda dividida em dois outros elementos: emoção e razão.

Razão e mente colocariam o ser humano hierarquicamente acima de outras espécies animais, enquanto as emoções e as necessidades corporais, em função do seu caráter mais incontrolável, o igualaria a elas. Nesse esquema valorativo, a qualificação das pessoas como mais ou menos emotivas envolveria relações de poder através das quais se justificaria a subjugação da parte considerada mais fraca em função de seu “menor controle emocional” ou da sua “irracionalidade”. Esse argumento fez parte de estratégias de dominação de povos originários e, de forma geral, do controle sociomoral sobre as mulheres.

Na segunda parte do capítulo, as autoras acionam o olhar das ciências sociais para discutir como as concepções em torno das emoções variam ao longo da história e entre as culturas, produzindo-se dessa forma maneiras distintas de conceituar, vivenciar e comunicar estados emocional-afetivos, ao contrário do que afirma a etnopsicologia

ocidental. Com isso, não se estaria negando o aparato biológico, que pode ser considerado comum aos humanos, mas chamando a atenção para o fato de que experiências corporais e psicológicas são mediadas pela linguagem, que é um elemento da cultura.

Para ilustrar essa discussão, as autoras apresentam algumas pesquisas realizadas nas ciências sociais sobre o medo e a raiva. Embora alguns autores analisados aqui, como Nobeit Elias e Peter Gay, ainda afirmem a existência de uma base emocional comum aos seres humanos, o que os exemplos buscam mostrar é como esse potencial universal comum é realizado por meio de formas histórica e culturalmente variáveis, que vão definir, por exemplo, quais são as ameaças que se deve temer ou quais atitudes devem despertar o ódio.

No segundo capítulo intitulado *Emoções: individuais ou sociais?*, Rezende e Coelho vão explorar o binômio indivíduo-sociedade, tão caro à formação das ciências sociais, a partir da análise de autores clássicos como Durkheim, Simmel e Mauss e como as emoções aparecem em suas obras. As duas chamam a atenção para o contexto de produção desses autores que buscaram definir um campo de atuação para as ciências sociais em oposição a outros saberes já instituídos. Nesse processo, há inicialmente a dificuldade por parte desses cientistas sociais em tomar as emoções como objeto de análise o que, no entanto, não vai impedir sua abordagem através de leituras sociológicas encontradas em suas obras.

Ao analisar a fidelidade e a gratidão, Simmel mostrou como esses sentimentos são essenciais para coesão da vida social, apresentando a dimensão afetiva das formas sociais ao considerar que elas são produzidas por motivações de ordem intersubjetiva que ganham expressão no plano social.

Já em Durkheim, as autoras chamam a atenção para o modo como esse autor buscou delimitar uma especificidade para a sociologia em meio às demais ciências que estudavam o homem: a filosofia, a biologia e a psicologia. Com isso, Durkheim empreende em um primeiro momento um total afastamento daquilo que poderia ser considerado próprio dessas outras ciências, principalmente, a psicologia, encarada nesse momento como um “outro disciplinar”. As emoções seriam,

então, tomadas como objeto de escrutínio psicológico e não social. No entanto, as autoras consideram que ao analisar a existência de fenômenos coletivos capazes de alterar o estado das consciências individuais, a exemplo dos ritos, Durkheim não estaria apenas afirmando o primado da natureza coercitiva do social, como colocado em sua definição do *fato social*, mas também apontando para a possibilidade do social estar também *dentro* do indivíduo e não exatamente *fora* da consciência individual.

Nesse sentido, as autoras evocam Marcel Mauss como um dos principais autores clássicos que avança na discussão em torno do binômio indivíduo-sociedade ao analisar o caráter ao mesmo tempo obrigatório e espontâneo da expressão dos sentimentos nos ritos funerários. As formas ritualizadas dos gritos, lamentos e cantos presentes nos funerais não seriam apenas expressões externas de sentimentos individuais, mas formas socialmente legitimadas para essa expressão, reconhecidas como uma espécie de gramática comum capaz de ser lida por uma dada coletividade. A expressão dos sentimentos seria, portanto, uma linguagem através da qual o sujeito comunica aos outros e a si mesmo suas emoções, em formas que são socialmente produzidas.

Na segunda parte desse capítulo, as autoras analisam alguns sentimentos que colocam em tensão o par indivíduo-sociedade. São emoções que por mais que pareçam brotar do íntimo dos sujeitos revelam a necessidade de uma relação com o outro para se produzirem, sendo ao mesmo tempo subjetivas e sociais. Assim, o amor e a admiração são analisados como sentimentos que revelam os esforços de fusão com o outro, seja o amante ou o ídolo; a solidão e a saudade como sentimentos que são suscitados pela ausência do outro e remetem ainda a dimensões de tempo e espaço social e histórico; e a amizade, que é ao mesmo tempo sentimento e relação, ambos motivados pelo desejo de estar com o outro.

O terceiro capítulo intitulado *A micropolítica das emoções* traz uma interessante discussão sobre a dimensão política das emoções, evidenciando como sua emergência nos contatos sociais pode estar relacionada a hierarquias sociais e relações de poder. Sentimentos como o nojo, o desprezo e a indiferença vão ser explorados para falar

dos processos de inclusão/exclusão que regem as relações entre certos grupos, assim como a fidelidade, a gratidão e a compaixão vão evidenciar a inconstância dos laços sociais que precisam ser continuamente constituídos e renovados.

Na primeira parte do capítulo, as autoras vão mapear o campo da antropologia das emoções a partir de um texto introdutório das antropólogas norte-americanas Catherine Lutz e Lila Abu-Lughod, no qual elas apresentam três correntes analíticas utilizadas no estudo das emoções: o essencialismo, o historicismo e o relativismo.

O essencialismo estaria baseado na premissa de que as emoções têm um substrato universal e natural, sendo, portanto, invariáveis. É a premissa adotada pelas abordagens freudianas, por exemplo, que consideram a existência de pulsões universais humanas que são “modeladas” ou “canalizadas” pelas forças sociais sendo, no entanto, pré-existentes a elas. Já as perspectivas historicista e relativista analisam as emoções e suas expressões como fenômenos construídos, social e historicamente, sendo, portanto, variáveis no tempo e entre as culturas. Rezende e Coelho lembram que geralmente o que se pode observar são misturas dessas duas últimas correntes na análise antropológica das emoções.

Lutz e Abu-Lughod vão propor uma quarta perspectiva, o contextualismo. Inspiradas na concepção foucaultiana de discurso como fala que produz realidade, mas do que a representa, essas autoras vão afirmar que as emoções não são simples construções sócio-históricas, são fenômenos que só podem ser analisados em determinados contextos, pois emergem da relação entre os sujeitos. Nesse sentido, as emoções surgem marcadas por relações de poder, estruturas hierárquicas, concepções de moralidade e como expressão de demarcação de fronteira entre grupos sociais. Esses elementos vão ser explorados pelas autoras ao longo do capítulo ao analisarem uma série de sentimentos a partir da obra de alguns autores e de pesquisa de uma delas realizada no Rio de Janeiro.

Particularmente interessante é a análise feita sobre o nojo e o desprezo como “sentimentos morais” que falam de hierarquias sociais e da relação entre iguais e diferentes. O nojo, por exemplo, seria

uma emoção que corresponde essencialmente à transgressão de uma fronteira entre interior-exterior, geralmente relacionada ao contato (visual, tátil, olfativo) com secreções do corpo humano. No entanto, o nojo também é acionado para expressar julgamentos sobre certas condutas morais que causam repulsa e, produzem afirmações que remetem a reações fisiológicas quando diz-se, por exemplo, que determinado comportamento nos “revira o estomago” ou nos faz “querer vomitar”. A humilhação também surge como sentimento que fala de princípios morais e hierarquias, já que o sentir-se humilhado diz respeito à perda do controle da identidade, quando alguém se sente inferiorizado perante outros.

Por fim, a gratidão, sentimento muitas vezes analisado como forma de promover a reciprocidade e a união entre sujeitos e grupos, também, pode ser analisada como sentimento que fala de relações de poder, como já bem observara Mauss em seu *Ensaio sobre a dádiva*. Para analisar a relação entre dádiva, gratidão e hierarquia, são apresentados dados da pesquisa de uma das autoras (Coelho) que investigou a troca de presentes entre patroas e empregadas domésticas no Rio de Janeiro.

Coelho observou em seu trabalho que a gratidão era o sentimento esperado pelas patroas em retribuição aos presentes dados a suas empregadas. Elas não esperavam nem desejavam que o presente fosse retribuído materialmente, mas sim com demonstrações de gratidão que, em alguns casos, eram recusadas. Esperar a gratidão da empregada ou recusar o presente material ofertado por ela, como em um exemplo trazido pela autora, significava destacar o lugar de servidão no qual as empregadas eram colocadas nessa relação. Por outro lado, a recusa delas em mostrarem-se agradecidas e o sentimento de indiferença que por vezes expressavam pelos presentes da patroa, seriam formas de negar esse lugar de subalternidade no qual eram lançadas. Assim, a gratidão esperada pelas patroas teria um “gosto de servidão” para as empregadas que, ao se mostrarem em alguns casos “íngratas” realizavam um trabalho micropolítico de contestação das hierarquias sociais.

Com o título *As emoções nas sociedades ocidentais modernas*, o capítulo final retorna à etnopsicologia ocidental tendo como objetivo agora analisá-la como visão de mundo que orienta e organiza a

experiência emotiva dos sujeitos na modernidade. Na primeira parte do capítulo, as autoras exploram a tensão entre sentir e expressar emoções, considerando especialmente o trabalho de Richard Sennett. Esse autor analisa como a desvalorização da vida pública a partir do século XVIII vai afetar o modo de perceber e expressar as emoções. A esfera privada passa a ser vista como o refúgio da individualidade, lugar de autenticidade do sujeito no qual ele pode “ser ele mesmo”. O espaço público, ao contrário, se torna o lugar para a atuação a partir de normas sociais específicas. Desse modo, passa a existir uma separação entre o “sentimento sentido” no espaço privado, tido como verdadeiro (ou autêntico), e aquele expresso no espaço público que, em função das normas e das etiquetas, pode ser falso.

Desenha-se aqui a segunda tensão explorada pelas autoras que diz respeito à retórica sobre o controle das emoções, tão presente no contemporâneo. Embora esse controle possa ser visto como meio de “falsificar” a expressão emocional “autêntica”, ele também é valorizado como elemento capaz de promover o conhecimento de si, premissa apresentada em certos contextos como forma de alcançar “equilíbrio emocional” e harmonia no sujeito autocontrolado. Remetendo ao trabalho de Nobeit Elias sobre o processo civilizatório, as autoras analisam ainda como esse controle emocional de si também diz respeito ao controle do outro. Nesse sentido, observa-se uma constante racionalização e psicologização dos comportamentos que conduz à regulação das expressões emocionais, tornando patológicas as formas não prescritas nesses modelos.

Nas últimas partes do capítulo, as autoras exploram o valor atribuído ao prazer e à felicidade nas sociedades modernas e sua relação com o consumo, que se torna a forma por excelência de experimentação do mundo moderno. Observa-se aqui a estreita relação que se forma entre felicidade-prazer (como imperativo e valor moral) e o corpo, que se tornar o palco de apresentação e realização desses sentimentos. É nesse sentido que elas chamam a atenção para o trabalho de autores como Luiz Fernando Dias Duarte que, ao analisar a valorização dos sentidos no ocidente moderno, destaca a relação formada entre três “dispositivos de sensibilidade”: a perfectibilidade (capacidade do ser

humano aprimorar-se), a experiência e o fisicalismo. A vivência e a expressão dos sentimentos passam por um despertar dos sentidos do corpo e seu constante melhoramento, o que envolve ações de consumo.

Por fim, uma última análise sobre o amor e a relação amorosa evidencia os principais elementos que caracterizam as experiências emotivas na modernidade. A relação amorosa tanto reforça os sentidos da escolha individual, da busca do prazer e da satisfação emocional, como também evoca a dimensão do controle emotivo, o valor da autenticidade nas relações afetivas e a expressão de uma interioridade singular. Revelam-se aqui valores caros à ideologia ocidental moderna como o individualismo e o subjetivismo que fazem parte do modo como se constituem e se vivenciam as emoções.

Ao final de sua análise, Rezende e Coelho nos mostram que, vistas muitas vezes como o oposto da racionalidade, as emoções são na verdade importante objeto de reflexão antropológica, sendo, portanto, muito boas para pensar.

Referências

KOURY, Mauro. *Emoções, sociedade e cultura*. Curitiba: Editora CRV, 2009.

Recebido em 22/07/2013

Aceito em 19/08/2013